

Políticas para seres reais, não ideais

Por **Martin Wolf**

Valor Econômico, 17.12.2014

Os regulamentos precisam ser estabelecidos com base em uma compreensão das fragilidades humanas, levando em conta que os formuladores de políticas são propensos a todo tipo de vieses em suas próprias tomadas de decisões.

Da madeira torta da humanidade, nenhuma coisa aprumada foi jamais produzida. Essa famosa observação do filósofo alemão Immanuel Kant é particularmente relevante para os economistas. O "homo economicus" é presciente, racional e privilegia seu autointeresse. Seres humanos reais não são nada assim. Somos feixes de emoções, e não máquinas de calcular. Isso é relevante.

O mais recente Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial (RDM), do Banco Mundial examina esse território. O documento observa que a "economia comportamental" modifica nossa visão do comportamento humano de três maneiras: em primeiro lugar, a maior parte de nosso pensamento não é deliberativo, mas automático; segundo, é socialmente condicionado; e, em terceiro lugar, é moldado por modelos mentais errôneos.

Em seu livro "Thinking, Fast and Slow", de 2011, Daniel Kahneman, agraciado com um prêmio Nobel, explorou a ideia de que nós pensamos de duas maneiras diferentes. A necessidade de um sistema automático é evidente. Nossos ancestrais não dispunham de tempo para elaborar as respostas aos desafios da vida a partir de princípios básicos. Eles incorporaram reações automáticas e predisposição cultural no sentido de adotar regras práticas. Nós herdamos esses dois traços. Assim, somos influenciados pela maneira como um problema é formulado.

Outra característica é a "tendenciosidade para confirmação" - um viés no sentido de interpretar novas informações como suporte a crenças pré-existentes. Nós também sofremos de aversão a perdas - uma feroz resistência a perder o que já temos. Para os nossos antepassados, com sua sobrevivência por um fio, isso fazia sentido.

O fato de que os seres humanos são intensamente sociais é evidente. Até mesmo a ideia segundo a qual somos autônomos é, ela própria, socialmente condicionada. Além disso, não somos, absolutamente, exclusivamente egoístas. Uma consequência infeliz do poder das normas é que sociedades podem permanecer aprisionadas em padrões de comportamento destrutivos. Nepotismo e corrupção são exemplos disso. Se eles estiverem arraigados, pode ser difícil (ou perigoso), para as pessoas, não participar. Normas sociais, porém, também podem ser valiosas. Confiança é uma norma valiosa. Ela repousa sobre um dos mais fortes comportamentos da humanidade: cooperação condicional. As pessoas punem aproveitadores mesmo quando isso lhes impõe um custo. Este traço fortalece grupos - e, nessa medida, amplia as chances de sobrevivência de seus membros.

Modelos mentais são essenciais. Alguns parecem ser inatos; e alguns podem ser danosos - assim como produtivos. Ideias sobre "nós" e "eles", reforçadas por

normas sociais, podem muito bem produzir um leque de resultados - do meramente injusto ao catastrófico. Igualmente importantes podem ser modelos mentais que criam expectativas autoconcretizáveis sobre quem terá êxito e quem fracassará. Há evidências, observa o RDM, que modelos mentais enraizados na história podem moldar as visões de mundo das pessoas durante séculos - casta é um exemplo. Esses modelos mentais sobrevivem por que são reproduzidos socialmente e tornam-se parte de nosso sistema automático e não deliberativo. Eles influenciam não apenas nossa percepção dos outros, mas percepções de nós mesmos.

Para ilustrar a relevância dessas realidades, o relatório analisa as dificuldades na formulação de políticas focadas em pobreza, desenvolvimento na primeira infância, condição financeira familiar, produtividade, saúde e mudanças climáticas.

Em economia doméstica, por exemplo, o relatório assinala que faz diferença se potenciais tomadores de crédito são informados quanto mais caro lhes custará crédito debitado em folha de pagamento do que um empréstimo num cartão de crédito. Revelar o status de meninos de baixa casta em uma sala de aula mista piora o desempenho de alunos de castas mais baixas, em comparação com o que acontece se a casta não é divulgada. O comportamento dos meninos depende de como eles são apresentados. Pobreza não é apenas escassez de recursos materiais: ela compromete a capacidade de pensar com deliberação.

Somos todos feitos de madeira torta de Kant: ninguém tem a sabedoria e o autocontrole atribuídos aos deuses.

A maneira como as pessoas pensam pode também afetar sua produtividade. Um exemplo é o proveito proporcionado por contratos que penalizem uma trabalhadora que descumpra metas de produção que ela tenha assumido voluntariamente.

Saúde pública proporciona exemplos cruciais, como a importância dos modelos mentais. Um deles, evidente, é a histeria antivacinação. Outra, ilustrada pelo RDM, é a tendência de as mulheres pobres acreditarem que o tratamento correto para a diarreia é cortar a ingestão de líquidos - para fazer um filho parar de "vazar".

Outra área na qual um foco estreito apenas em incentivos provavelmente será enganosa é regulamentação financeira. Muitos economistas acreditam que o comportamento disfuncional nos mercados financeiros é unicamente devido a incentivos distorcidos: seguro de depósitos, a percepção de que as instituições são "grandes demais para falir" e uma série de outros subsídios explícitos e implícitos. Igualmente importante, no entanto, são as normas comportamentais, como a visão de que o executivo bancário deve fidelidade primeiro a si mesmo, e não a seus clientes; ou modelos mentais inadequados, como a convicção generalizada, pré-crise, segundo a qual os preços das casas não poderiam cair em todo os EUA. Os regulamentos precisam ser estabelecidos com base em uma compreensão dessas fragilidades humanas.

Até que ponto deveriam as políticas basear-se nessas percepções, especialmente levando em conta que os formuladores de políticas são, como admite o RDM, propensos a todo tipo de vieses em suas próprias tomadas de decisões? Somos

todos feitos de madeira torta de Kant: ninguém tem a sabedoria e autocontrole supostamente divinos.

No entanto, políticas precisam ser formuladas. Certamente é melhor formular políticas bem embasadas e realistas do que com base em uma visão grosseiramente simplista. Além disso, dar um empurrãozinho nas pessoas para que tomem o rumo correto aonde elas já querem ir - incentivando-as a poupar, aprender, comportar-se de forma saudável ou educar melhor seus filhos - dificilmente pode ser taxado de grave violação da liberdade. No entanto, incentivos não devem descambar para a coerção. Adultos não devem ser tratados como crianças. Isso, também, é uma norma social - e uma norma bastante fundamental. **(Tradução de Sergio Blum)**